

Cultura Hip-Hop, afrodiáspora e a resistência do saber

Mauricio Moysés¹

Resumo

As ideias aqui expostas narram a força e a determinação da cultura Hip-Hop, a cultura das ruas e suas relações afrodiaspóricas. Esse texto apresenta-se como um diálogo ancestral griot, passando de geração a geração por quem tem a cultura Hip-Hop como filosofia de vida. O cotidiano das ruas, seja nos guetos, becos, vielas das favelas e quebradas, tem no Hip-Hop maneiras de agir para o despertar da consciência e resistir aos pensamentos opressores para se construir o saber coletivo nos lugares.

Palavras-chave: cultura Hip-Hop; afrodiáspora; lugar; cotidiano.

Cultura Hip-Hop, afrodiaspora y la resistencia del saber

Resumen

Las ideas aquí presentadas narran la fuerza y la determinación de la cultura Hip-Hop, la cultura callejera y sus relaciones afrodiaspóricas. Este texto se presenta como un diálogo griot ancestral, transmitido de generación en generación por quienes tienen la cultura Hip-Hop como filosofía de vida. La cotidianidad de las calles, ya sea en los guetos, callejones, callejones de las favelas y barrios, tienen en el Hip-Hop formas de actuar para despertar conciencias y resistir pensamientos opresores para construir saberes colectivos en los lugares.

Palabras clave: cultura Hip-Hop; afrodiaspora; lugar; cotidiano.

¹ Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pesquisador do Laboratório de Investigações Geográficas e Planejamento Territorial (GEOPLAN), do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Unicamp mauriciomoyses88@yahoo.com.br

Cultura Hip-Hop

Satisfação em poder compartilhar em linhas escritas, ora ditas, as inquietações que transitam na mente, com você que percorre com o olhar essas palavras. O universo nos uniu para fortalecer o desejo pelo manifesto vivo que envolve a vontade de promover o diálogo, seja virtual ou não. Cá estamos para expor o sentimento livre pela poética e falarmos um pouco sobre o cotidiano urbano em forma de arte. Temos na cultura Hip-Hop uma via de acesso...

O grupo de RAP Z'África Brasil (Z em homenagem ao guerreiro quilombola Zumbi dos Palmares e África-Brasil conexões geográficas de nossa terra mãe) do extremo sul de São Paulo no Taboão da Serra nos ensina:

“Respeito muito bem o que vem do além
Por isso, temos que celebrar a periferia
A verdadeira hip-hoplogia precisa ser esclarecida
Somos frutos de um cerimonial extraído de um quilombo negro
Onde somente os verdadeiros reinam
Mande buscar o microfone sagrado, guardado no templo”

Foi no continente africano que as raízes se aprofundaram na terra fértil, límpida e preta a purificar os elementos que compõem o conjunto simbólico que define a cultura Hip-Hop. Uma cultura urbana, uma cultura das ruas, com base na ancestralidade e oralidade dos griots étnicos que percorrem os usos dos territórios e fixam *territorialidades* (Santos & Silveira, 2004) na essência mágica das relações em torno dos ritmos, sons, palavras, cores, traços e sinestésias.

Para dar sentido à nossa percepção, trato aqui da afrodiáspora (o ato de introjetar e transmitir as matrizes africanas nos modos de pensar, agir e viver nos lugares) que segue até o presente momento em forma de rito e mensagens nos corpos pulsantes e enérgicos do negro em movimento e coletivo com o sentimento adquirido para se difundir o saber. Muito distinto da “diáspora africana”, um deslocamento forçado fundamentado na tortura, na colonização capitalista e na ganância europeia pelo domínio da técnica, das ideias e dos corpos, cujo objetivo foi aprisionar pessoas em sua plena liberdade com a terra e tornar-se escravizadas como produto (Moysés, 2018).

Porém, aos sobreviventes do transporte transatlântico cruel e coercitivo restou a resistência e o canto para livrarem-se da solidão e do aprisionamento da mente. Entre suicídios, torturas e estupros, remanesce sobreviver para poder ver o céu, sentir o vento e atribuir sentido para quem sempre foi livre. E assim segue Z'África Brasil:

“Sigo a origem até a morte
Passe sua cultura pra frente
Vamos unificar a raiz, engrandecer a corrente
Saber reinar com humildade e sabedoria”

Nas colheitas de algodão, nos canaviais, nas fundições de ferro, no trato com o ouro e no corte do cacau, o canto tornou-se o grito de liberdade e o sentido para dar forças e seguir com fé por dias melhores. Na mistura do canto: danças, rodas de ciranda, o balançar dos tecidos finos vestidos nos corpos ao estalar das palmas das mãos a definir o ritmo emergido dos retículos da terra livre.

No encarar das “autoridades”, negras e negros mobilizaram o *afrontamento* perante a decadente estrutura comercial de um período sombrio da herança colonial, entre tantas lutas e batalhas híbridas as leis que não nos pertenciam, mas que proporcionaram os subsídios para superar a submissão e atribuir o significado para o termo coragem. Atentemo-nos para o evento (histórico-geográfico) que incide na Revolução Haitiana iniciada em 1791, marco do enraizamento em terras distantes que entrelaçam o arquétipo de cada lugar (Desrosiers, 2020; Dorsainvil, 1934) e as ressignificações da produção cultural, política e social em toda a afrodiáspora.

Das ressignificações, nos comunicamos. As lições são passadas para cada geração no fluxo migratório. Fez-se o spiritual, blues, gospel, jazz, o mambo, o merengue, o reggae, o dub, a rumba, cumbia, samba, coco, embolada, o soul, o funky, o maracatu, o jongo, os ritmos indígenas dos Andes ao Amazonas, do Mackenzie ao Yucatã em um só movimento com múltiplas vertentes musicais na relação dialógica dos toasting jamaicanos, os contos africanos e a adoração indígena, assim como os cantos das lavadeiras e quebradeiras de coco transformados em ensinamentos e conhecimentos vividos.

“Há muitas difi... cultura, o som, a música que vem da rua
A fala, a rima, o ritmo, a poesia
Nasce dentro de um povo mostrando saídas pra vida
Favela agora tem voz ativa

Antigamente quilombos, hoje periferia”

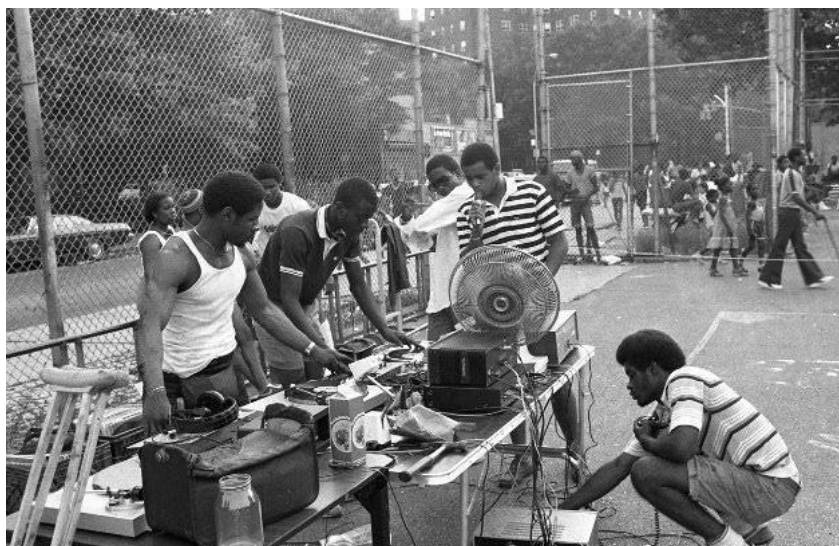
E foi na festa de aniversário de Cindy Campbell, irmã de Clive Campbell, o lendário deejay Kool Herc, mais exatamente no dia 11 de agosto de 1973 que a reunião de jovens membros de gangues de rua representaria simbolicamente a data que dá início à Cultura Hip-Hop. Desse passado recente para cá, muita coisa mudou nos guetos nova-iorquinos, seu novo berço, o palco da junção dos elementos, principalmente após a aproximação da indústria cultural e suas fórmulas para gerar protótipos.

Hoje, a cultura Hip-Hop é mundial, certo? Movimenta valores! Valores que fazem circular um bem imaterial invendável, centrado nas raízes da ancestralidade africana. Porém, no capitalismo, a “diáspora africana” se renova, mantendo os mesmos princípios: fragmentar para usufruir da razão e emoção e cultivar a exploração.

A cultura Hip-Hop não está imune de ser usurpada. Porém, acredito que a relação da cultura de rua com a afrodiáspora supera a ganância e, a todo o momento, seus ritos e origens formam a mais nova ramificação reticular que se funda na terra.

Por isso, resistir é necessário para quem realmente quer ver a cultura Hip-Hop com todos os seus elementos (DJ, Dança de Rua, Graffiti e MC) formarem o conhecimento vivido perspicaz da nossa essência. É por esse motivo que o cultivo da ancestralidade reforça os laços entre o passado, presente e futuro. As festas de quarteirões, as contagiantes e enérgicas *block parties* (Imagem 1) são o grito de libertação e ao mesmo tempo o marco de resistências amparadas por arsenais tecnológicos, sônicos e eletrônicos que conduzem para caminhos mais longínquos, alinhados às filosofias das ruas.

Imagem 1 - Tradicionais *Block Parties* nas ruas da área sul do bairro do Bronx, NY.



Fonte: Henry Chalfant, 1984.

No ecoar do tambor, no giro dos corpos, nos traços meândricos e retilíneos com múltiplas cores e na expressão falada-rimada-ritmada presente em cada Quilombo Urbano periférico para formar nos mocambos o círculo de resistência do saber universal. Axé e sigamos!

Referências

DESROSIERS, Ismane (2020). *Haiti: da desigualdade social às desigualdades socioespaciais na metrópole de Porto Príncipe*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo.

DORSAINVIL, J. C. (1934). *Manuel d'Histoire d'Haiti*. Fères de l'Instruction Crétienne. Portau-Prince. Disponível em: <<http://www.manioc.org/gsd/collect/patrimon/archives/PAP11077.dir/PAP11077.pdf>> Acessado em: 13/06/2022.

MOYSÉS, Mauricio (2018). *Circuito RAP do Distrito Federal: território usado e lugar*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências (IG), Universidade Estadual de Campinas, 2018.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura Silveira (2004). *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 6ed. Rio de Janeiro: Record.

Z'ÁFRICA BRASIL (2002). A raiz. Antigamente Quilombos Hoje Periferia. São Paulo: Paradoxx Music. CD (57min.). Acesso ao álbum: https://open.spotify.com/album/1zHVxRZyZYexNAq9UR3rcd?si=cBw_OTItRcGS6BUE5cX-7Q